

DISCURSOS DE IDENTIDADE: O *BLOG* E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO

TAKARA, Samilo (UEM)¹

TERUYA, Teresa Kazuko (Orientadora/UEM)²

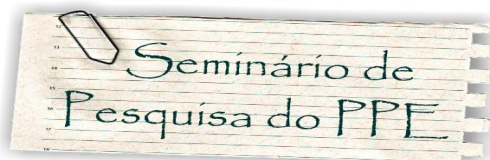
Introdução

O presente artigo trata-se de uma pesquisa em andamento vinculado ao **Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura – GEPAC**, cadastrado junto ao CNPq na linha de pesquisa: Educação, mídia, estudos culturais. Nessa investigação analisaremos o *blog*, como um suporte útil para visibilizar os discursos e promover a compreensão das diferentes identidades culturais que se articulam no espaço escolar.

Esta análise baseia-se nos conceitos foucaultianos e nos estudos culturais – desenvolvidos por volta de 1960, na Inglaterra para elucidar as possibilidades pedagógicas do *blog* na educação. Foucault (1987) entende a escola como adestradora de corpos e investiga o desenvolvimento do termo cultura para *culturas*, trazendo à tona a discussão de normalidade e desvio. Salientamos a importância de espaços não-escolares na elaboração de discursos que valorizam os contextos de identidades e diferenças para questionar a escola que impõe a norma do discurso hegemônico e oprime os grupos marginalizados.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Pesquisa atualmente Educação, Comunicação e Cultura. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR. (sami.takara@gmail.com)

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Pós-doutora em Educação pela Universidade de Brasília (2010). Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (tkteruya@gmail.com).



Estudos culturais e foucaultianos em Educação

O processo educacional, na perspectiva foucaultiana, pode ser analisado como uma relação discursiva. São discursos pedagógicos, docentes e discentes que se interagem no espaço escolar e em suas mediações. Entretanto, as relações de poder/saber do discurso exigem uma reflexão sobre a escola que se organiza como espaço de adestramento de corpos, de vigília e de punição.

Adestrar corpos vigorosos, imperativos de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. [...] O próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos eram repartidos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas; a intervalos regulares, encontrava-se um alojamento de oficial [...] As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento (FOUCAULT, 1987, p. 145).

No século XIX, as instituições desenvolviam um padrão de normatização entre os indivíduos pertencentes a um grupo social, uma localidade ou até mesmo um país. Fixavam uma identidade, valorizavam um indivíduo padronizado com características comuns que cumprissem suas funções na ordem social imposta. A escola, na análise foucaultiana, é comparada às instituições opressoras, tais como: prisão, manicômio e outras instituições que se valem métodos disciplinares. Entretanto, o autor em sua obra vai explicar que esta opressão faz parte da ideia do panóptico³. O sujeito deveria ser adestrado e suas ações deveriam ser normatizadas.

A partir de meados do século XX, os movimentos sociais dos grupos de minorias rejeitam as metanarrativas que sustentam a história universal e acentuam-se as crises sociais e filosóficas, desencadeando uma mobilidade da identidade e o reconhecimento de uma “celebração móvel do eu” (HALL, 2004).

³ Termo desenvolvido por Jeremy Bentham, que seria um edifício em forma de anel, onde um indivíduo poderia observar os “adestrandos” que ali estivessem. Este modelo perpetuou a ação de poder e adestramento que Foucault vai analisar na obra “Vigiar e Punir”.

O uso do tempo normal como o conhecemos surge da intersecção do conhecimento sociológico e do médico. Ambos estavam imbuídos do mesmo interesse de medir, classificar e disciplinar os indivíduos de forma a que estes se conformassem à normalidade. A norma desvaloriza o existente para corrigi-lo. O termo anormal implica referência a um valor, é um termo apreciativo. Normal vem de *normalis*, norma, regra. Normal também significa esquadro e, assim, etimologicamente, normal é aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto é aquilo que é como deve ser; e, no sentido mais usual, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie ou o que constitui a média numa característica mensurável. Em suma, a individualidade, por caracterizar-se por um afastamento da média é facilmente qualificada de patológica [grifo do autor] (MISKOLCI, 2003, p. 110).

Essa visão de normalidade começa a ser questionada no início da década de 1970. Hall (2004) explica que diversos fatores desestruturaram a visão de uma identidade fixa e possibilitaram diferentes olhares e modos de ser, pensar e agir das identidades culturais. Ele relaciona as releituras das teorias: marxista, por Althusser, a psicanálise de Freud, por Lacan, a semiótica de Saussure, por Derrida, os estudos de Michel Foucault sobre as relações de poder, e as ações do movimento feminista, entre outros movimentos sociais que se instituem para valorizar seus discursos, que foram minorizados pela normatividade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2004, p. 9).

As percepções da “crise da identidade” e as não identificações dos interesses sociais de classe vão culminar na explicação de Hall (2004). A classe não é mais um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora por meio da qual os variados interesses e as várias identidades podem ser reconciliadas e representadas (HALL, 2004,

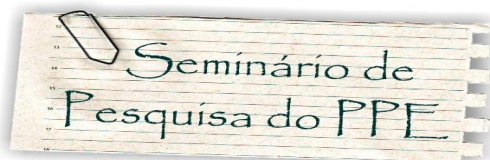
p. 20-21). O aporte teórico dos Estudos Culturais não pretende ser uma disciplina ou uma teoria, mas sim uma articulação entre teorias para a compreensão dos conceitos de identidade, diferença e cultura, como relações de poder/saber que perpassam pela nossa sociedade capitalista em crise.

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37).

É entre os grupos minorizados, que lutam para o reconhecimento de suas identidades culturais e seus discursos que os estudos culturais se configuram um aporte teórico que agrega lentes para uma leitura nítida dos objetos analisados, abordando a pesquisa de um modo teórico-político. Os estudos culturais não pretendem definir a norma ou o desvio, mas analisar as relações de poder que perpassam os indivíduos e as formações discursivas que retratam os contextos de identidade e diferença.

Para compreender os conceitos de identidade e diferença, tratados por Woodward (2007), ressaltamos a trajetória do conceito de cultura nos estudos culturais com a finalidade de salientar a constituição da identidade e o reconhecimento da diferença.

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, típico produto da indústria cultural ou da sociedade techno contemporânea, bem como às culturas juvenis, à cultura surda, à cultura empresarial, ou às culturas indígenas, expressando a diversificação e a singularização que o conceito comporta (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36-37).



Nos estudos culturais, a cultura seria uma multiplicidade de perspectivas. As culturas são as vivências e experiências dos indivíduos que a produzem e por ela são formados, não hierarquizando conceitos de alta ou baixa e nem definindo como ricas ou pobres, mas como culturas diferentes que são produzidas e vivenciadas por grupos e identidades distintas. Nessa perspectiva o conceito de cultura é complexo e “entrelaça todas as práticas sociais [...] como uma forma comum de atividade humana: como práxis sensual humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história.” (HALL, 2003, p. 133).

Trata-se de um conceito de difícil definição, uma vez que são produtos das relações sociais complexas, por exemplo: a língua, a escrita, as tecnologias de informação e comunicação que conectam diferentes milhões de pessoas e grupos sociais. Com o surgimento do ciberespaço, novas comunidades virtuais e identidades culturais cada vez mais híbridas transitórias, fragmentadas e desterritorializadas despontam nesse cenário interconectado.

Nessas vivências inserem as construções das identidades, como relacionais, e as diferenças são estabelecidas por uma “marcação simbólica”. Outras identidades “...na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um informe, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados” (WOODWARD, 2007, p. 14).

A cultura é vivida e relacionada entre os sujeitos para a construção da identidade e da diferença numa relação de diálogo. O discurso do eu, que forma a identidade deve, de qualquer maneira, ter características que não são comuns a diferença, entretanto, a diferença e a identidade se relacionam também ao conceito de norma, que foi citado anteriormente no trabalho de Miskolci (2003), e relaciona com o conceito de desvio.

O desvio é sempre relativo a uma das características do homem considerado padrão por nossa sociedade, ou seja, o homem branco, heterossexual e burguês. O desvio da raça branca o tornaria fraco segundo as teorias eugênicas e psiquiátricas, ou ainda infértil, como atesta o termo utilizado para se referir ao filho de um branco e um negro: mulato, diminutivo para o termo espanhol mulo, ou seja, a cria estéril de um cruzamento de égua com jumento. O desvio da heterossexualidade era visto como uma forma de insanidade ou degeneração sexual. Por fim, qualquer que fosse o desvio da normalidade, o indivíduo afastar-se-ia do padrão burguês e, portanto,

da ordem social na qual ele tinha que se inserir (MISKOLCI, 2003, p. 113).

Entretanto, o padrão fixo de norma e de desvio ainda são pouco elaborados, em relação aos conceitos de identidade e diferença que permeiam as narrativas dos sujeitos. Ainda temos as normas pré-estabelecidas e a valoração de algumas identidades em detrimento de outras por um julgamento prévio da norma, que Foucault vai apresentar nas relações de poder que permeiam nossa sociedade.

É nessa condição de relações de poder e nas relações de identidade e diferença na vivência das culturas neste período de transposição e liquefação de fronteiras, que pretendemos apontar as potencialidades do blog, como ferramenta que permite a visibilidade dos discursos de diferentes culturas e suas relações dialógicas, para o contexto educacional.

Blog: as potencialidades em Educação

Segundo Araújo (2009), a expressão *Weblog* foi cunhada por Jorn Barger, em dezembro de 1997. A autora ressalta que os *weblogs* são denominados “diários virtuais” onde as pessoas escrevem sobre diversos assuntos pessoais ou profissionais. “*Blog*, como também é chamado, é um tipo de publicação online que teve sua origem no hábito de logar (entrar, conectar, gravar) à web, fazer anotações, transcrever, comentar os caminhos percorridos pelos espaços virtuais” (ARAÚJO, 2009, p. 51).

Rodrigues (2011) explica que a abreviação *blog* resulta das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registravam os eventos das viagens). “Na realidade os *blogs* podem ser considerados autênticos diários, mas em formato electrónico” (RODRIGUES, 2011, p. 1-2).

Araújo (2009) cita o *site* Technorati, em que a *web* contava com 188,9 milhões de blog, até maio de 2008. E diz que o *blog* assumiu diferentes usos e potencialidades a partir de 1996. No espaço escolar importa a disponibilidade para armazenar *links* – termo que designa o endereço do *site* na *web* em que o usuário pode clicar e ser direcionado para a página do *site* – além, da oportunidade de armazenamento de textos conforme uma cronologia do último para o primeiro *post* – termo usado para o texto do

blog. Cada *post* refere-se a uma postagem diferente feita pelo autor/blogueiro e possibilita aos leitores de comenta o que foi *postado*, enviar para amigos e discutir esses os comentários entre grupos, como por exemplo, na escola, durante uma disciplina.

[...] os *blogs* não podem ser confundidos com chats onde a conversa decorre em tempo real. Mas os *blogs* permitem que a discussão aconteça dado o grande número de pessoas que aderiu a esta nova “moda da net”. Permitem mesmo que determinados assuntos se debatam durante um período considerável de tempo e que as discussões entre *bloggers* se tornem uma prática corrente, até porque com o tempo se vão estabelecendo relações de cumplicidade ou discórdia (RODRIGUES, 2011, p. 18).

Araújo (2009) define a estruturação do *blog* que se apresenta

na forma de uma página *web*, atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica, como uma página de notícias ou um jornal, que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. Os textos escritos nos *blogs* são chamados de *posts*, que podem ser escritos (*postados*) apenas pelo autor do blog ou, por uma lista de membros que ele convida e autoriza a postar mensagens. Esses textos, geralmente, são acompanhados de data e horário de *postagem* e, de um *link* para acesso direto e permanente para aquele texto específico, possibilitando discussão e troca de ideias através dos comentários, que podem ser lidos e escritos por qualquer pessoa (ARAÚJO, 2009, p. 52).

Essa interação de discursos do *blog* permite a visibilidade para as narrativas de diferentes indivíduos, com identidades e culturas contrastantes e convergentes e promovendo uma troca de argumentos e perspectivas para a compreensão de discursos diversos dos aceitos pela norma. Esta visibilidade para as discussões podem ser encontradas, por exemplo, nos comentários.

[...] o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro [...] O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A

multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta (FOUCAULT, 1970, p. 25-26).

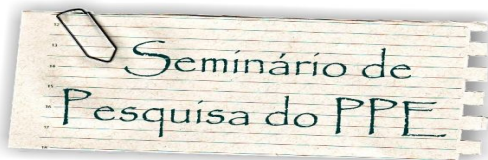
Uma das potencialidades desta ferramenta é a de dar visibilidade aos discursos dos grupos minorizados. Segundo Foucault “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2006, p. 133). Entretanto, ele mesmo diz desta verdade, não como a única e sim como uma das possibilidades. Apresentar diferentes verdades e relacioná-las no contexto do *blog*, como oportunidade de relacionar e interagir discursos, produzindo diferentes enunciados.

Não buscamos criar ou indicar um contra-poder nos usos do *blog* no contexto escolar. Não podemos tirar o poder de algumas mãos e passar a outras. Assim como percebemos na perspectiva foucaultiana, nosso objetivo é compreender essas relações de poder e reformular o eu e o outro, para que o poder seja exercido com consciência e visto entre as relações e não oprimindo seus participantes, mas sendo compreendido como fator de norma e de desvio.

Os discursos podem ser elaborados nos *blogs* e utilizados para a discussão no espaço escolar, nos referenciamos no artigo do Santomé (2008), *As culturas negadas e silenciadas nos currículos*. Neste artigo, o autor aponta algumas culturas que são esquecidas pela ideia de norma e de desvio.

As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação. Entre essas culturas ausentes podemos destacar as seguintes: as culturas das nações do Estado espanhol; as culturas infantis, juvenis e da terceira idade; as etnias minoritárias ou sem poder; o mundo feminino; as sexualidades lésbica e homossexual; a classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres; o mundo rural e litorâneo; as pessoas com deficiências físicas e/ou psíquicas; as vozes do Terceiro Mundo (SANTOMÉ, 2008, p. 161-162).

Esses grupos chamados minorizados são dominados por discursos hegemônicos respaldados nos conceitos do que é *normal*. E a partir desta normalidade, são tratados



como invisíveis ou diferenças que não fazem parte daquela instituição escolar. Na pluralidade de culturas e identidades, a diferença não é tratada e nem elaborada com os/as alunos/as e professores/as.

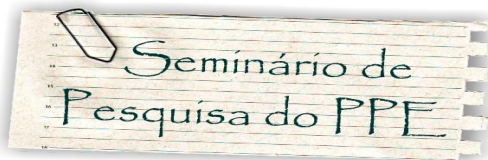
O discurso educacional tem que facilitar que as crianças de etnias oprimidas *ou qualquer outro grupo minorizado*, assim como as dos grupos dominantes, possam compreender as interações entre os preconceitos, falsas expectativas e condições infra-humanas de vida das populações marginalizadas com as estruturas políticas, econômicas e culturais dessa mesma sociedade [grifo nosso] (SANTOMÉ, 2008, p. 170-171).

A cultura já não pode mais ser definida entre alta ou baixa e os indivíduos não podem mais ser “demonizados” por suas diferenças de classe, etnia, gênero e sexualidade. Com a mobilidade das identidades cabe à escola discutir de forma transversal os conceitos de identidade para que o indivíduo possa perceber que as diferenças são parte do nosso contexto social. A educação escolar deve dar visibilidade e aceitar o direito de outros cidadãos de discursar sobre suas vidas, suas experiências e suas relações nos mesmos espaços que vivemos. Como ressalta Santomé (2008), “a aceitação da própria identidade é uma das principais condições para saber valorizar a dos demais” (SANTOMÉ, 2008, p. 163).

Por fim, salientamos a importância dos discursos sobre identidades e diferenças para valorizar as culturas que se relacionam para construir os discursos que favorecem os diferentes espaços de visibilidade no contexto educacional. O *blog* como um suporte pode ser um desses espaços aos diferentes discursos que possibilitam a reelaboração de seus enunciados na busca por discursos perpassados por relações de poder e sujeitos conscientes deste poder.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Michele Menghetti Ugulino de. **Potencialidades do uso do blog em educação** - Natal, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Acesso em: 20 de abril de 2011. Disponível em: bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde.../9/TDE.../MicheleCMUA.pdf.



COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23. Brasília, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento das prisões. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organizadora Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et.al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2004.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. In: **Estudos de Sociologia**. UNESP-Araraquara 13/14, 2003 (109-126). Acesso em: 20 de abril de 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/169>.

RODRIGUES, Catarina. **Blogs**: uma ágora na Internet. Acesso em 17 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-na-net.pdf>.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas nos currículos. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (7-72)